A Crise do Estado de Bem-Estar Social: Impactos na Seguridade e Saúde Pública no Brasil

La crisis del Estado de bienestar: impactos en la seguridad y la salud pública en Brasil

The Welfare State Crisis: Impacts on Security and Public Health in Brazil

Rosa Maria Ferreiro Pinto[1]
Doutora, PPGD em Direito da Saúde, Universidade Santa Cecília, Santos, SP, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2325-5984

Klauss Carvalho De Malta[2]
Mestrando, PPG em Direito da Saúde, Universidade Santa Cecília, Santos, SP, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9491-7076

RESUMO: Contextualização: Este artigo aborda a crise do Estado do Bem-estar no Brasil a partir da perspectiva dos impactos das políticas de austeridade sobre a seguridade e o direito à saúde. Para tanto, abordou-se o funcionamento e os desafios enfrentados ao longo das últimas décadas pelo SUS, a questão da desigualdade social e as diferentes formas de comunicação no que tange à transparência e à participação cidadã. Por fim, concluiu-se que a saída passa pelo fortalecimento do SUS por meio de parceria entre o setor público e as organizações da sociedade civil e um processo de diálogo, eficiente e transparente, que contribua com a inclusão social. **Problema**: A crise do welfare state brasileiro se revela com a deterioração do estado de proteção social, agravada por políticas econômicas de austeridade e corte de gastos públicos, comprometendo a capacidade do estado de prover serviços básicos da população e, consequentemente, aumentando a desigualdade e a vulnerabilidade dessa mesma população. O SUS, por si, concebido para garantir o acesso aberto e gratuito à saúde, sofre com o subfinanciamento e a má gestão na sua esfera, irradiando efeitos negativos. A precarização do trabalho e as reformas na seguridade social atingem a desproteção social, impedindo a atenuação das desigualdades socioeconômicas. A falta de comunicações claras e eficazes entre o estado e a sociedade civil piora o quadro desses problemas ao frustrar os financiamentos, propiciar alianças patrimonialistas e pulverizar os recursos públicos e as políticas implementadas. **Objetivos**: Este trabalho investiga a crise do Estado de bem-estar social no Brasil, examinando as consequências das políticas de austeridade para a seguridade e a saúde pública. O objetivo é descrever os desafios enfrentados pelo SUS e pela seguridade social, incluindo o financiamento insuficiente e a participação, e descrever a comunicação e a participação social na formulação de políticas públicas. A finalidade do trabalho também é identificar maneiras de fortalecer o SUS e a seguridade social, bem como promover a inclusão social. **Métodos**: Para este estudo, foi adotada a abordagem qualitativa, com base em revisão bibliográfica e análise documental. Dessa forma, para argumentação dos tópicos relevantes ao desenvolvimento humano com informações e dados reais, foram utilizadas fontes acadêmicas e governamentais. De tal modo, a análise considera informações críticas dos textos e dados estatísticos a

[1] Graduada em Serviço Social (Universidade Católica de Santos), Mestre e Doutora em Serviço Social (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Direito da Saúde: dimensões individuais e coletivas da Universidade Santa Cecília. Líder do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Direito à Saúde - GPPDS. Professora do Curso de Psicologia da Universidade Santa Cecília, participante do Núcleo de Estudos e Pesquisas Psicossociais do Curso de Psicologia da UNISANTA. Lattes: http://lattes.cnpq.br/4240722143218725. E-mail: rosaferreiroa@unisanta.br.

[2] Mestrando em Direito da Saúde pela UNISANTA. Membro do Grupo de pesquisa "Direitos humanos, desenvolvimento sustentável e tutela jurídica da saúde. Especialista em Direito Tributário pela PUCRS (2023) e bacharel em Direito pela UNA (2012). Lattes: http://lattes.cnpq.br/2440698559494685.
E-Mail: klaussmalta@adv.oabsp.org.br.

10.5281/zenodo.14510842

respeito do SUS e da seguridade social e apresentam seus desafios e soluções. A triangulação desses dados de diferentes fontes é fundamental para se garantir validade e confiabilidade dos resultados. **Resultados**: A análise aponta que as medidas de austeridade fiscal, corte de gastos sociais retiraram força e aumentaram as desigualdades socioeconômicas. Subfinanciamento e má gestão são desafios cruciais para o funcionamento efetivo do SUS. Precarização do trabalho, reformas da previdência e da assistência social aumentaram a extensão da desproteção social. A integralidade e a importância da comunicação e participação social são identificadas como cruciais para o desenvolvimento, implementação de políticas públicas exitosas e saudáveis. **Conclusões**: A crise do Estado de bem-estar social brasileiro aumenta com as políticas de austeridade, trazendo maior desigualdade e vulnerabilidade a médio prazo. Para fortalecer o SUS e consolidar a seguridade social, são necessários investimentos financeiros, gestão eficiente e parcerias duradouras intersetoriais e público-privada. A chave para um sistema de saúde universal e equitativo é a transparência e a participação social.

PALAVRAS-CHAVE: Estado de Bem-Estar Social. Seguridade Social. Saúde Pública.

***RESUMEN**: **Contextualización:** En este artículo, se ha tratado de explicar la crisis del Estado de bienestar brasileño, con una perspectiva especial sobre los recortes de austeridad realizados en la seguridad social y la salud pública. Se ha hablado del SUS, métodos de implementación y desafíos, la cantidad de brecha social en Brasil y la necesidad de comunicarse con los ciudadanos en el proceso de toma de decisiones para lograr transparencia y fomentar la participación social. He concluido mi trabajo sugiriendo maneras de fortalecer el SUS a través de la asociación entre el sector público y la sociedad civil basándose en la eficiencia, la mejora de la "accountability" y la inclusión social. **Problema:** En Brasil, la crisis del Estado de bienestar se manifiesta en la reducción de las redes de seguridad social, exacerbada por las políticas económicas de austeridad y la disminución del gasto público, lo que dificulta la capacidad del Estado de proporcionar servicios clave y, por lo tanto, intensifica la desigualdad y la vulnerabilidad de la población. A pesar de que Brasil cuenta con un Sistema de Salud Único diseñado para ofrecer servicios de salud asequibles y universales, la financiación inadecuada y la mala gestión le han quitado su eficacia. Además, la falta de trabajo y los cambios regulatorios en la seguridad social exacerban la falta de protección social, que ya no se puede contrarrestar por la necesidad crítica de protección social debido a la desigualdad socioeconómica. Por último, la falta de comunicación efectiva y abierta entre el sector público y la sociedad civil agrava este problema y dificulta los recursos de financiación y la implementación de políticas inclusivas y eficaces. **Objetivos:** El objetivo de este estudio es investigar la crisis del estado de bienestar en Brasil, para ir más allá de los impactos de la austeridad en la seguridad social y la salud pública. El objetivo también es identificar los desafíos que el SUS y la previsión social han enfrentado sin la financiación debida y la gestión, y la importancia de la sociedad y la comunicación civil para las políticas públicas, y ofrecer una solución para reforzar el SUS y promover la inclusión social. **Métodos:** El enfoque de este estudio es cualitativo: la revisión de la literatura y un análisis documental de fuentes académicas y gubernamentales. El análisis crítico de textos y datos estadísticos sobre el SUS y la seguridad social revela los problemas y sugiere enfoques de solución. Los datos de varias fuentes son triangulados, superando las falsas afirmaciones. **Resultados:** Según el análisis, un mayor austeridad y reducción de los gastos sociales han debilitado y aumentado las desigualdades socioeconómicas. La insuficiencia de financiación y la mala gestión representan obstáculos fundamentales para la efectiva utilización del sistema de salud. La reforma en la regulación del trabajo precario, las pensiones y el bienestar ha ampliado el ámbito de la desprotección social. La integridad y la importancia de la comunicación y la participación sociales se detectan como fundamentales para un desarrollo y una implementación exitosos de las políticas públicas saludables. **Conclusiones:** La crisis del Estado de bienestar en Brasil agravada por la austeridad: mayor desigualdad y vulnerabilidad. Para robustecer el SUS y el seguro social, hay que invertir, financieramente, gestionar, administrativamente, y colaborar, en términos de cooperación público-privada, entre el sector público y la sociedad civil. Finalmente, la transparencia y la participación social son elementos cruciales que harían del sistema de salud un sistema más justo y accesible.*

***PALABRAS CLAVE**: Estado de bienestar. Seguridad Social. Salud pública.*

***ABSTRACT**: **Context:** The present article probes the crisis of the welfare state in Brazil, pinpointing its reflections in social security and public health brought about by austerity. It investigates the establishment and problems of the SUS, social inequality and what communication ought to be like for it to incorporate*

10.5281/zenodo.14510842

transparency in practices within government, via citizens. It puts forward strategies to strengthen the SUS via alliances between government and society, targeting effectiveness, transparency and social participation. ***Problem****: The welfare state crisis in Brazil creates the conditions for dismantling safety nets, intensified by economic austerity and public spending cuts. This situation leads to the incapacity of States as a provider of fundamental rights, leading to inequality and vulnerability for populations. Although the SUS is a universal health system committed to ensuring equal access, it suffers from underfinancing and poor management, resulting in compromised performance. Also, ad-hoc work precariousness and social security reforms flesh out the unfounded part of the claim about disembodied Social Protection gaps. In turn, the absence of effective and transparent communication between the public sector and civil society aggravates these issues, hampering both resource mobilization as well as the layering and execution of efficient inclusive public policies.* ***Objectives:*** *The objective of this study is to analyze the crisis of the welfare state in Brazil and its effects on social security burden, affecting public health. It was sought to identify the SUS and social security challenges, emphasizing that financing must be sufficient and management more functional. In addition, it intended to demonstrate the spoken language as a theme of public importance and to suggest actions in order for inclusion, communication, and social participation to advance the formulation of SUS.* ***Methods:*** *This research is carried out through a qualitative methodology, involving a literature review and documentary examination of academic and governmental sources. The critical analysis of texts and statistical data on SUS and social security identifies challenges and proposes concise problem-solving solutions. The convergence of data guarantees the effectiveness and sustainability of the outcomes as well.* ***Results:*** *This is an exploratory study which makes use of the qualitative method research, through a literature review and documentary analysis with academic sources (articles) and government sites. The reading of the books and statistical information from the Unified Health System (SUS) as well as social welfare was used for critical analysis to identify main challenges, offering possibilities with respect to solutions. It is a valid method to triangulate data from different sources, since it gives reliability to the results.* ***Conclusions:*** *The crisis of the Brazilian welfare state, combined with austerity policies, leads to greater poverty and precariousness. More than ever, SUS and social security need investments suitable to their capacity of providing care to the population, effective management, and partnerships that arise from collaboration between public sector institutions and society as a whole. It is necessary to advocate for transparency, which, when combined with social control, allows people and organizations to cooperate in their defense of an equitable health system.*

KEYWORDS*: Welfare State. Social Security. Public health.*

INTRODUÇÃO

A crise do Estado de bem-estar social no Brasil tem sido uma preocupação crescente, refletindo as dificuldades estruturais e econômicas enfrentadas pelo país. Políticas de austeridade e cortes nos gastos sociais têm enfraquecido as redes de proteção social, aumentando a desigualdade e a vulnerabilidade da população. Esse contexto se agrava com a globalização e as políticas neoliberais, que limitam a capacidade do Estado de prover serviços básicos. A crise econômica global de 2008 acentuou esses problemas, resultando em cortes significativos nos orçamentos sociais e prejudicando a qualidade de vida da população.

O Sistema Único de Saúde, concebido para garantir acesso universal e equidade na saúde, também está diante de sérios desafios. O subfinanciamento e a má administração dos recursos limitam muito a realização integral do ambiente. A seguridade social é agravada devido à crise econômica, bem como às políticas de austeridade, as quais tornam mais difícil a redução das disparidades sociais e a proteção dos indivíduos mais desfavorecidos. As políticas alinhadas com as premissas neoliberais aprofundam os problemas mencionados acima. Como resultado, a desproteção social aumenta.

10.5281/zenodo.14510842

A democratização da comunicação e a formação de parcerias entre o setor público e a sociedade civil são essenciais para a implementação de políticas de saúde eficazes. A transparência e a prestação de contas na gestão dos recursos são fundamentais para garantir que os investimentos sejam aplicados de forma eficiente e eficaz. Este artigo explora esses temas, destacando os desafios e as propostas para a reestruturação do SUS, a importância da participação social, e o papel da comunicação na promoção de uma ordem social justa e inclusiva.

Valendo-se da coleta de textos científicos realizada no portal Scielo e de documentos levantados na revista Ciência & Saúde Coletiva, fez-se revisão crítico-narrativa de viés qualitativo (Lamy, 2020, p. 337-340), utilizando o critério de seleção pelas palavras-chave específicas como "Estado de Bem-Estar Social", "Seguridade Social" e "Saúde Pública".

A triagem foi baseada nos títulos e resumos para identificar a relevância ao tema. Foram priorizados artigos bem classificados e recentes. A leitura detalhada dos artigos selecionados permitiu a inclusão daqueles que ofereciam contribuições significativas.

1 A CRISE DO ESTADO DE BEM-ESTAR SOCIAL

O Estado de bem-estar social no Brasil vem enfrentando uma crise estrutural profunda, resultado de políticas econômicas que priorizam a austeridade e o corte de gastos sociais. Essas medidas têm levado ao enfraquecimento das redes de proteção social, gerando maior desigualdade e vulnerabilidade entre a população (Medeiros, 2001, p. 15-20).

A globalização e as políticas neoliberais adotadas têm agravado essas questões, enfraquecendo as estruturas de proteção social e restringindo a capacidade do Estado de proporcionar serviços básicos (Vicente, 2019, p. 144).

A crise econômica global iniciada em 2008 teve um impacto profundo nas economias ao redor do mundo, resultando em cortes significativos nos orçamentos sociais. Essas políticas de austeridade têm sido amplamente criticadas por especialistas devido aos impactos negativos na qualidade de vida da população e ao aumento das desigualdades sociais (Ötker-Robe; Podpiera, 2013, p. 2-5) .

No Brasil, a redução dos gastos sociais e as reformas direcionadas à contenção de despesas públicas agravaram a situação das redes de proteção social, aumentando a vulnerabilidade da população mais pobre e exacerbando as disparidades econômicas e sociais (Medeiros, 2001, p. 20).

A redução dos investimentos em políticas sociais tem levado a uma precarização dos serviços públicos, tornando-se um ciclo vicioso que perpetua a pobreza e a exclusão social (Sposati, 2018, p. 2324).

A literatura também aponta que as medidas de austeridade adotadas em vários países resultaram em um aumento significativo do desemprego e na redução dos direitos trabalhistas, ampliando ainda mais as disparidades socioeconômicas. Isso é particularmente problemático em contextos onde as redes de proteção social são frágeis,

10.5281/zenodo.14510842

como no Brasil, onde a informalidade do mercado de trabalho é alta e muitas pessoas dependem dos serviços públicos para garantir suas necessidades básicas (Rao, 2015, s/p).

2 A IMPLEMENTAÇÃO E OS DESAFIOS DO SUS

Desde sua concepção pela Constituição Federal de 1988 e formalização em 1990, o Sistema Único de Saúde (SUS) foi desenhado para proporcionar acesso universal e equitativo à saúde. No entanto, a falta de financiamento adequado e a má gestão dos recursos têm sido obstáculos significativos para a realização plena de seus objetivos. Apesar dos avanços na atenção básica e na inclusão de milhões de brasileiros no sistema de saúde, os desafios persistem, agravados por políticas de austeridade que limitam os recursos disponíveis (Santos, 2018, p. 1731-1732).

A implementação do SUS trouxe importantes avanços na área da saúde pública, como a descentralização dos serviços e a criação de programas específicos para doenças endêmicas e crônicas. No entanto, a falta de recursos financeiros suficientes impede a plena operacionalização desses programas. Além disso, a gestão fragmentada e a falta de integração entre os diferentes níveis de governo dificultam a implementação de políticas de saúde de forma eficaz e coesa (Santos, 2018, p. 1732).

A análise crítica dos dados mostra que o financiamento do SUS é um dos pontos mais sensíveis e controversos, uma vez que a carga financeira recai majoritariamente sobre os municípios, que muitas vezes não dispõem de recursos suficientes para garantir a qualidade e a universalidade dos serviços. Além disso, o sub financiamento crônico agrava a dependência do setor privado, criando uma desigualdade no acesso aos serviços de saúde (Santos, 2018, p. 1734).

3 A DESIGUALDADE SOCIAL E A SEGURIDADE

As políticas de seguridade social no Brasil têm enfrentado dificuldades para mitigar as desigualdades sociais, que continuam a crescer. A concentração de renda e a falta de oportunidades para as camadas mais pobres da população são desafios persistentes. As reformas na seguridade social, muitas vezes orientadas por uma lógica neoliberal, têm aprofundado essas desigualdades, resultando em uma crescente desproteção social (Raichelis, 2018, s/p).

Por isso, a seguridade social, que teoricamente deveria ser um mecanismo de redistribuição da renda e diminuição das desigualdades, encontra sérios obstáculos. A inexistência de políticas da inclusão social, assim como a desregulamentação do trabalho, contribui para a situação, uma vez que essa situação de fato proporciona as condições para a reprodução da pobreza e a prática da exclusão. Em particular, o sistema de pensões, que sofre constantes reformas voltadas para a redução dos benefícios, não faz com que os cidadãos confiem nele e sintam sua segurança e estabilidade econômica na velhice (Santos, 2018, p. 1733).

A desigualdade social no Brasil é um reflexo de um sistema econômico que privilegia uma minoria em detrimento da maioria. Isso se reflete na distribuição desigual

10.5281/zenodo.14510842

dos recursos, onde a maior parte da riqueza está concentrada nas mãos de poucos, enquanto uma grande parcela da população vive em condições de pobreza e exclusão. A implementação de políticas de seguridade social eficazes requer uma abordagem integrada que aborde as causas subjacentes da desigualdade, como o acesso à educação, emprego e moradia (SPOSATI, 2018, 2324).

4 O PAPEL DA COMUNICAÇÃO NA ORDEM SOCIAL

A democratização da comunicação é essencial para a transparência e a participação cidadã nas decisões relacionadas à saúde e seguridade social. A comunicação eficaz pode mobilizar a população e promover mudanças significativas nas políticas públicas. A mídia tem um papel crucial na formação da opinião pública e na pressão por reformas políticas que beneficiem a sociedade como um todo (Oliveira, 2004, p. 57).

O acesso à informação é um direito fundamental que permite à população exercer sua cidadania de maneira plena. No entanto, a concentração dos meios de comunicação nas mãos de poucos grupos econômicos limita a diversidade de opiniões e dificulta a difusão de informações relevantes para o debate público. A comunicação pública deve ser fortalecida para garantir que todos os segmentos da sociedade tenham voz nas discussões sobre políticas sociais (Vicente, 2019, p. 153-154).

A comunicação desempenha um papel vital na formação de políticas públicas, especialmente em um contexto onde a desinformação e as fake news podem influenciar negativamente as decisões políticas. A promoção de uma mídia independente e pluralista é fundamental para assegurar que as informações divulgadas sejam precisas e reflitam a realidade dos diferentes segmentos da sociedade.

5 POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE: AVANÇOS E RETROCESSOS

Apesar dos avanços significativos, como a expansão da atenção básica, o SUS enfrenta retrocessos devido a políticas de austeridade que reduzem os investimentos e promovem a privatização dos serviços de saúde. Esses retrocessos comprometem a qualidade e a universalidade do atendimento, criando um sistema de saúde fragmentado e desigual (Santos, 2018, p. 1734-1736).

Nos últimos anos, é crescente a tendência de privatização de serviços de saúde, quando o Estado transfere seus serviços para o setor privado. Contudo, tal prática exclui os grupos mais suscetíveis da população, que, em sua maioria, não podem pagar pelos serviços privados. Junto com isso, a falta de regulamentação adequada para as empresas privadas pode levar a abusos e fornecimento de serviços de baixa qualidade (Santos, 2018, p. 1733).

O impacto das políticas de austeridade na saúde pública é visível na deterioração dos serviços e na crescente insatisfação dos usuários. Os cortes orçamentários afetam diretamente a capacidade do SUS de responder às demandas da população, especialmente em áreas remotas e marginalizadas. A falta de investimentos em infraestrutura e

10.5281/zenodo.14510842

capacitação de profissionais agrava ainda mais a situação, resultando em longas filas de espera e serviços inadequados (Santos, 2018, p. 1734-1735).

6 IMPACTO DA CRISE ECONÔMICA NA SEGURIDADE SOCIAL

A crise financeira mundial agravou os problemas de prosperidade social no Brasil, introduzindo cortes elevados no orçamento que ameaçam a possibilidade e extensão dos serviços prestados aos cidadãos. Políticas de austeridade, por sua vez, impõem restrições substanciais em fundos destinados às aplicações sociais, o que reduz a abrangência e porcentagem de pessoas a quem elas sejam aplicadas (Santos, 2018, p. 1735).

A retração econômica e a instabilidade política também afetam negativamente a seguridade social, dificultando a implementação de políticas de longo prazo. A falta de previsibilidade no orçamento público impede que os programas sociais sejam planejados e executados de maneira eficiente. Além disso, a crise econômica tem levado a um aumento do desemprego e da informalidade, dificultando ainda mais o acesso aos benefícios sociais (Castilho et al., 2017, p. 455).

A análise dos dados econômicos revela que as políticas de austeridade têm um impacto desproporcional sobre os segmentos mais pobres da população, exacerbando as desigualdades existentes. A redução dos investimentos em programas sociais resulta em uma diminuição do acesso a serviços essenciais, como saúde, educação e assistência social, aumentando a vulnerabilidade (Ötker-Robe et al., 2013, p. 30).

7 DIREITOS HUMANOS E DESIGUALDADE

A violação dos direitos humanos na saúde pública é uma questão muito séria que necessita ser discutida e resolvida o mais breve possível, a fim de assegurá-los e construir uma sociedade melhor e mais justa. A impossibilidade do acesso ao atendimento médico decente é uma violência dos direitos fundamentais, porque agrava a distinção entre riqueza e pobreza (Oliveira; Souza; Lamy, 2016, p. 307).

As populações mais vulneráveis, como os pobres, negros e indígenas, são as mais afetadas pela falta de acesso a serviços de saúde adequados. A discriminação estrutural e a exclusão social impedem que esses grupos exerçam plenamente seus direitos. É necessário promover políticas inclusivas que garantam a equidade no acesso aos serviços de saúde (Diehl, 2021, p. 69).

O respeito aos direitos humanos no contexto da saúde pública envolve não apenas a garantia de acesso aos serviços, mas também a qualidade e a dignidade no atendimento. A adoção de práticas discriminatórias e a negligência no atendimento médico constituem sérias violações dos direitos humanos e devem ser combatidas através de políticas públicas que promovam a igualdade e o respeito à diversidade (Sposati, 2018, p. 2317).

8 PROPOSTAS DE REESTRUTURAÇÃO DO SUS

10.5281/zenodo.14510842

Para fortalecer o SUS, é necessário um compromisso renovado com os princípios de universalidade e equidade. Investimentos adequados, gestão eficiente e a participação ativa da sociedade são fundamentais para alcançar esse objetivo. A criação de políticas públicas que priorizem a saúde como um direito universal é essencial para a construção de um sistema de saúde justo e eficaz (Santos, 2018, p. 1731).

A participação social é fundamental para a construção de um sistema de saúde verdadeiramente democrático e inclusivo. Assim, é preciso fortalecer os conselhos de saúde e as demais instâncias de participação a fim de dar voz e vez à população na definição das políticas públicas. Outra medida é a realização de ações em educação em saúde, de modo que a população seja capacitada e possa lutar de forma mais efetiva por seus direitos (Oliveira, 2004, p. 57-63).

A formação de parcerias entre o setor público e a sociedade civil é essencial para a implementação de políticas de saúde que atendam às necessidades da população. Essas parcerias podem contribuir para a mobilização de recursos e para a implementação de programas inovadores que promovam a saúde e o bem-estar da população. Além disso, é fundamental promover a transparência e a prestação de contas na gestão dos recursos da saúde, garantindo que os investimentos sejam aplicados de forma eficiente e eficaz (Oliveira, 2004, p. 62).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise do Estado de bem-estar social no Brasil é uma realidade incontestável, marcada por políticas econômicas de austeridade e cortes nos gastos sociais que têm exacerbado a vulnerabilidade e a desigualdade na população. A análise detalhada dos impactos dessas políticas revela um quadro alarmante de precarização dos serviços públicos e fragilização das redes de proteção social. A globalização e a adoção de políticas neoliberais têm limitado a capacidade do Estado de fornecer serviços básicos de forma eficiente e equitativa, comprometendo a qualidade de vida de milhões de brasileiros.

No contexto da saúde pública, o Sistema Único de Saúde (SUS) tem enfrentado desafios significativos desde sua concepção. Embora tenha proporcionado avanços notáveis na inclusão de milhões de brasileiros no sistema de saúde, a falta de financiamento adequado e a má gestão dos recursos continuam sendo obstáculos críticos. A implementação de políticas de austeridade tem limitado ainda mais os recursos disponíveis, resultando em um subfinanciamento crônico que agrava a dependência do setor privado e perpetua desigualdades no acesso aos serviços de saúde.

Outro exemplo apresentado aqui, a seguridade e a previdência social no Brasil não garantem plenamente seu papel na redução das diferenças sociais. Para piorar as coisas, a lógica por trás das reformas associadas ao neoliberalismo gerou, no Brasil, maior disparidade socioeconômica e desproteção social. A desigualdade de renda e a falta de perspectivas para a população mais pobre do Brasil continuam sendo um desafio central para enfrentar, o que ressalta a necessidade de melhores políticas de inclusão social. Além disso, a desproteção do trabalho e a recente reforma da seguridade também perpetuam as cicatrizes sociais da pobreza e a impossibilidade na velhice, principalmente, de garantir a segurança econômica das pessoas.

10.5281/zenodo.14510842

A comunicação desempenha um papel vital na ordem social, especialmente na promoção da transparência e na participação cidadã nas decisões políticas. A democratização da comunicação é essencial para mobilizar a população e promover mudanças significativas nas políticas públicas. No entanto, a concentração dos meios de comunicação nas mãos de poucos grupos econômicos limita a diversidade de opiniões e dificulta a difusão de informações relevantes para o debate público. É crucial fortalecer a comunicação pública para garantir que todos os segmentos da sociedade tenham voz nas discussões sobre políticas sociais.

As políticas públicas de saúde no Brasil enfrentam altos e baixos. A propagação da atenção básica é definitivamente um passo à frente, no entanto, as táticas de austeridade e violações à qualidade abrangente e universal aparentam diminuir muito. Por um lado, a privatização torna simples o fato de pessoas "pesadas" demais influenciarem recursos médicos inatingíveis, mas, por outro lado, as coisas sustentam a geração como são, já que a utilização de administradores privados pode resultar em abusos e a entrega de tipos inferiores de aplicações. Os limites de verbas para a saúde pública desempenham um papel ao vivo na capacidade de pagamento do SUS de atender à população, particularmente nas áreas remotas e empobrecidas.

A crise econômica global tem exacerbado os problemas da seguridade social no Brasil. Cortes orçamentários severos comprometem a qualidade e a abrangência dos serviços oferecidos à população. As políticas de austeridade impõem limites rigorosos ao financiamento dos programas sociais, resultando em uma redução da cobertura e eficácia desses programas. A retração econômica e a instabilidade política dificultam a implementação de políticas de longo prazo, aumentando o desemprego e a informalidade, e dificultando ainda mais o acesso aos benefícios sociais.

O respeito aos direitos humanos no contexto da saúde pública é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A garantia desses direitos envolve não apenas o acesso aos serviços, mas também a qualidade e a dignidade no atendimento. A adoção de práticas discriminatórias e a negligência no atendimento médico constituem sérias violações dos direitos humanos e devem ser combatidas através de políticas públicas inclusivas que promovam a igualdade e o respeito à diversidade.

Para que o SUS se fortaleça, é urgente renovar o comprometimento com a universalização e a equidade. Por sua vez, a adequada alocação de recursos, a gestão racional e a participação ativa são pontos em que se deve concentrar para conseguir esses objetivos. A administração pública e a sociedade civil devem estreitar suas relações a fim de viabilizar políticas sociais que respondam plenamente aos anseios da população, facilitando o processo de obtenção dos recursos e a implementação de programas que favoreçam a saúde e a qualidade de vida. Por sua vez, outro eixo estruturante consiste no fomento à transparência e à prestação de contas na administração dos recursos da saúde, garantindo que os investimentos sejam realizados de forma eficaz e eficiente.

Em síntese, a superação da crise do Estado de bem-estar social no Brasil requer uma abordagem integrada que aborde as causas subjacentes da desigualdade e promova uma ordem social mais justa e inclusiva. A implementação de políticas de saúde eficazes, a democratização da comunicação e a garantia dos direitos humanos são passos essenciais para alcançar esse objetivo. Somente através de um compromisso coletivo e da participação ativa da sociedade será possível construir um sistema de seguridade e saúde pública que verdadeiramente atenda às necessidades de todos os cidadãos.

10.5281/zenodo.14510842

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Daniela Ribeiro; LEMOS, Esther Luíza de Souza; GOMES, Vera Lúcia Batista. Crise do capital e desmonte da Seguridade Social: desafios (im)postos ao Serviço Social. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, n. 130, p. 447-466, set./dez. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sausoc/a/JvkH9D5bStbqbZZHVwLmtKk/#. Acesso em: 2 jul. 2024.

DIEHL, Rodrigo Cristiano; COSTA, Marli Marlene Moraes da. Desigualdades sociales, derechos y protección social en américa latina: construcciones, luchas y resistencias. Revista Thesis Juris – RTJ, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 67-83, jan./jun. 2021.

LAMY, Marcelo. Metodologia da pesquisa. Técnicas de investigação, argumentação e redação. 2ª ed. revista, atualizada e ampliada. São Paulo, SP: Matrioska Editora, 2020.

MEDEIROS, Marcelo. A trajetória do Welfare State no Brasil: papel redistributivo das políticas sociais dos anos 1930 aos anos 1990. IPEA, Brasília: 2001. p.24.

OLIVEIRA, Danilo de; SOUZA, Luciano Pereira de; LAMY, Marcelo. Violação das obrigações estatais na área da saúde: a diferença entre as obrigações mínimas e as esperadas. Caderno de Relações Internacionais, vol. 7, nº 13, ago-dez. 2016.

ÖTKER-ROBE, Inci., & PODPIERA, Anca Maria. (2013). The Social Impact of Financial Crises: Evidence from the Global Financial Crisis. The World Bank. Disponível em: https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/16912/WPS6703.pdf?sequence=1. Acesso em: 1 jul. 2024.

RAICHELIS, Raquel. Crise, Seguridade Social e regressão de direitos. SciELO em Perspectiva: Humanas, 2018. Disponível em: https://humanas.blog.scielo.org/blog/2018/01/10/crise-seguridade-social-e-regressao-de-direitos/. Acesso em: 02 jul. 2024.

RAO, Parthasarathi Krishna. (2015). "Poverty, Inequality and Unemployment: Socioeconomic Policy and Rawlsian Justice." In Parthasarathi Krishna Rao (Ed.), Socioeconomic Policy and Rawlsian Justice. New York: SpringerLink. Disponível em: http://link.springer.com/article/10.1007/springerlink. Acesso em: 02 jul. 2024.

SANTOS, Nelson Rodrigues dos. SUS 30 anos: o início, a caminhada e o rumo. Ciência & Saúde Coletiva, 23(6):1729-1736, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/sNh7sDYDdyQwvKVgLqYZvpB/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 02 jul. 2024.

SPOSATI, Aldaiza. Descaminhos da seguridade social e desproteção social no Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, 23(7):2315-2325, 2018.

TORRES, Raymond, Kühn, Sabine, Charpe, Matthieu, & International Labour Organization. (2013). "Fiscal austerity is detrimental to output growth and employment." In R. Genevey, Rajendra Pachauri & Laurence Tubiana (Eds.), Reducing inequalities: A sustainable development challenge. New Delhi: TERI Press, p. 23.

VICENTE, Maximiliano Martin. Crise do Estado de bem-estar social e a globalização: um balanço. SciELO Books, 2019. Disponível em: https://books.scielo.org/id/b3rzk/pdf/vicente-9788598605968-08.pdf. Acesso em: 24 junho de 2024.

VICENTE, Maximiliano Martin. História e comunicação na ordem internacional [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 214 p. ISBN 978-85-98605-96-8.

10.5281/zenodo.14510842

OLIVEIRA, Valdir de Castro. Comunicação, informação e participação popular nos Conselhos de Saúde. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 56-69, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sausoc/a/JvkH9D5bStbqbZZHVwLmtKk/#. Acesso em: 2 jul. 2024.

Informação bibliográfica deste texto, conforme a NBR 6023:2018 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT):

PINTO, Rosa Maria Ferreiro; MALTA, Klauss Carvalho. A Crise do Estado de Bem-Estar Social: Impactos na Seguridade e Saúde Pública no Brasil. **Unisanta Law and Social Science**, Vol. 13, N. 2 (jul./dez. 2024), pp. 399-409. ISSN: 2317-1308.

Recebido em 11/10/2024

Aprovado em 29/10/2024

CC BY

10.5281/zenodo.14510842